

# Entrevistas com membros da equipe editorial da revista *Aedos* e com representantes discentes do Programa de Pós-Graduação

Mara Cristina de Matos Rodrigues\*  
Regina Weber\*\*

Neste ano em que completamos 30 anos do nosso programa, resolvemos voltar nossos olhares e ouvidos na direção das iniciativas cada vez mais produtivas e criativas de nossos mestrandos e doutorandos nos últimos tempos. Destacamos, em especial, a revista *Aedos*, coordenada pelos pós-graduandos em História da UFRGS, desde o ano de 2008, e o recente *I Fórum Interno Discente do PPG em História da UFRGS*, por eles também promovido.

Abaixo seguem duas entrevistas. A primeira foi realizada no dia 29 de julho de 2016 com a Dra Marisângela Martins e as mestrandas Grazielle Corso, Marina Pelissari e a doutoranda Micaele Scheer, que tiveram ou têm importantes responsabilidades na edição da revista *Aedos*. Logo após, temos a segunda entrevista, realizada no dia primeiro de agosto de 2016, com os atuais representantes discentes na Comissão de Pós-Graduação e na Plenária do PPGH - UFRGS, Pedro Silveira (DO) e Isadora Diehl (ME).

---

\* Doutora em História e Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mara.rodrigues@ufrgs.br

\*\* Doutora em História e Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: regina.weber@ufrgs.br

As narrativas dos alunos envolvidos com a revista *Aedos* põem em destaque o significado do trabalho em grupo, contraposto à solitária execução da tese ou dissertação, a importância dos recursos eletrônicos e do suporte institucional, o aprendizado sobre diferentes campos de estudo da história e o exercício da gestão acadêmica nos âmbitos editorial, da promoção de eventos e das demandas políticas. Por sua vez, o relato dos representantes discentes retratam circunstâncias do PPGH/UFRGS dos anos recentes, caracterizado por um alunado numeroso, ainda que isso não necessariamente resulte em intensa mobilização, oriundo de diferentes lugares do país, e pela concessão de bolsas que permitem estudos em tempo integral a vários alunos. Destacamos que a realização das entrevistas, em clima descontraído e de conagração, pode ser compreendida sob o prisma de dois movimentos guiados mais pela memória do que pela atividade crítica da história. O primeiro volta-se para o passado, como resistência ao esquecimento de informações e lembranças relativas ao empreendimento da revista *Aedos*, o mais duradouro da atividade discente no PPGH. O segundo movimento de memória busca legar ao futuro a marca do momento presente, e as perspectivas daí decorrentes tanto no âmbito da revista, quanto no atuação política e acadêmica da representação discente.

Nem todos os/as editores-chefes e importantes membros das sucessivas equipes editoriais da revista *Aedos* puderam receber ou atender ao nosso convite, mas foram lembrados/as pelas colegas entrevistadas (sim, só vieram mulheres!).

A representação discente em atividade foi convidada para ser entrevistada em virtude de uma percepção, por parte das organizadoras do dossiê PPGH-UFRGS 30 anos, de que se verifica atualmente dentre os/as discentes uma movimentação diferente de anos anteriores. Outros pós-graduandos e pós-graduandas poderiam ter sido lembrados/as com justiça neste momento, mas pode ser que a memória nos tenha pregado peças e por isso, desde já, nos escusamos. Mesmo que de forma lacunar a intenção das entrevistas foi prestar uma homenagem aos nossos alunos e alunas, participantes fundamentais desta trajetória de 30 anos.

## Entrevista com membros da equipe editorial da revista *Aedos*

**Regina Weber:** Para um empreendimento intelectual ter início, é preciso que alguém comece e tenha ânimo para fazer alguma coisa. Então você poderia começar falando um pouco desta situação, de onde veio essa energia, essa motivação para iniciar, e que meios vocês tiveram para por isso em andamento?

**Marisângela:** Certo. Eu agradeço a vocês o convite e achei muito bacana a revista *Aedos* ser lembrada nessas comemorações dos 30 anos do PPG. Achei muito legal, muito justo. A revista foi pensada em 2008, embora a ideia de criar uma revista já existisse antes disso, mas esbarrava em alguns obstáculos que os alunos de então não tinham vontade de correr atrás para superá-los.

Então as turmas de mestrado e doutorado que entraram em 2008 abraçaram essa ideia, todos com bastante disposição e vontade de fazer a coisa acontecer, porque eu lembro que na época se exigia que o nosso currículo tivesse artigos publicados. Mas não tínhamos espaço para publicar, porque a maioria das revistas exigia que se tivesse doutorado para publicar. Então essa foi uma motivação bem grande. Queríamos criar um espaço para que estudantes de pós-graduação, como a gente, tivessem como publicar seus artigos.

Então nós formamos um grupo e, em uma das reuniões de estudantes do PPGH, criamos uma comissão de alunos do mestrado e doutorado para pensar a ideia da revista. E essa turma “foi atrás”. Foi bastante trabalhoso, tanto a criação da revista como a edição do primeiro número. Era tudo muito novo para gente, então tínhamos que buscar as informações e aprender como fazer. Tanto que revista entrou no ar primeiramente como blog, e depois, sim, se conseguiu um espaço no sistema da UFRGS, onde se inseriu inclusive o primeiro número. Era o Fagner [dos Santos], inclusive, que cuidava dessa parte, por que ele era o editor gerente. Ele cuidava da parte operacional.

Mas voltando um pouco à criação da revista, nós tínhamos sempre esse cuidado de criar uma revista que tivesse a cara dos

estudantes do PPGH, então procurávamos sempre ouvir os colegas, fazíamos reuniões e assembleias para apresentar o projeto da revista e consultá-los sobre o que achavam, se eles se sentiam representados por aquele projeto de revista. Uma vez, com todos os presentes na assembleia, aprovando o projeto, aí demos a revista por criada, e começamos então a correr atrás dessa primeira edição, do site, e de montar a listagem dos avaliadores, convidar os avaliadores e fazer edital para chamada de artigos.

Eu lembro que tudo isso nos tomou bastante tempo, mas era muito prazeroso para todo mundo, porque era tudo muito novo e nos sentíamos fazendo algo muito importante. Eu lembro, inclusive, que a minha pesquisa de doutorado teve que ser bastante readaptada porque eu não consegui fazer muito no primeiro ano no doutorado por me dedicar tanto à *Aedos*. Então muitas fontes eu tive que abrir mão, depois de avaliar no projeto de tese, por causa da energia que a revista exigia da gente.

**Mara:** Eu ia te perguntar também sobre a disponibilidade de tempo, se tu eras bolsista, na época, se trabalhavas, como é que era esse dia a dia?

**Marisângela:** Eu tinha bolsa. E acho que boa parte dos integrantes do primeiro conselho editorial tinha bolsa também. Poucos, acho, os que não tinham. Então a dedicação era praticamente integral. A tese ficou bem em um segundo plano, até a gente colocar o segundo número da *Aedos* no ar. Aí, depois de colocar o segundo número, já entrou o novo conselho editorial em que era o Marcello [Paniz Giacomoni] o editor-chefe.

Eu lembro, inclusive, que nós fizemos um período de transição, o novo conselho editorial acompanhou o número dois, para eles entenderem como as coisas funcionavam, como era colocar um número no ar, no sistema. E, tu falaste da energia, o que nos motivava. Foi um engajamento assim que eu não tinha participado aqui na UFRGS, eu não tinha participado de nada parecido, assim. Havia reuniões em que nós ficávamos três horas debatendo sobre determinado artigo, se ele entrava no número ou não.

Eu lembro que teve um artigo que nós recebemos e aí, depois de passar por mim, eu designei o editor de sessão pra ele designar os avaliadores daquele artigo. E aí nós ficamos na dúvida se aquele

era um artigo de história ou não. A reunião para nós debatermos se esse artigo continuaria naquele número ou não demorou três horas. E nós debatíamos, debatíamos e colocávamos em votação e empatava, e nós seguíamos debatendo até que, acho que foi a Sarah [Calvi], ela se absteve em uma das votações, e aí sim. E aí conseguimos decidir e o artigo, por fim, não fez parte daquele número.

Então, pra vocês verem o tanto que a gente se importava com aquilo e se engajava por fazer uma revista de qualidade também. Nós fomos atrás dos indicadores, o que é que a revista precisava ter para ser uma revista qualis pelo menos B. [Na classificação de 2010, a *Aedos*: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS - Online, está no estrato B3; anos depois recebeu a avaliação B2. Desde 2015 retornou à B3].

**Regina Weber:** É sobre o sistema que você estava comentando, primeiro a revista ficou em um blog e depois passou para o SEER, Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas. Eu digo isso pela importância que tem haver uma instituição que alberga esse sistema. O SEER, ele tem lá as suas regras, mas ele é feito para funcionar mecanicamente. É um instrumento que “deselitiza”, uma vez que, na pós graduação, tanto entre os docentes/doutores quanto os alunos podem usar a mesma plataforma. O que também facilitou esse processo.

**Mariângela:** Nesse sentido nós fomos muito favorecidos, tanto pela instituição como pelo Programa de Pós-Graduação na coordenação do professor Rivair. Ele nos apoiou sempre que foi preciso e também nos prestigiava muito. Ia nas assembleias, acompanhou toda a criação desde o primeiro projeto, fez sugestões e esteve sempre presente. Nós nos sentíamos prestigiados, assim, nós não nos sentíamos abandonados, como fazendo algo à parte do PPG. Nós sentíamos que aquilo ali estava sendo valorizado também pela coordenação.

**Mara:** Eu estava pensando que nós podíamos agora fazer algo mais dialogado. Tu [Micaele] és da comissão atual. Tu [Marina], também. E a Grazielle que foi editora-gerente da comissão editorial anterior a essa, que também tinha como editor-chefe o Bruno [Segatto], que não pode vir.

**Mara:** Então nós temos aqui o início e a parte mais atual da revista.

**Regina Weber:** A troca [da editoria da revista] é anual?

**Graziele:** É.

**Marina:** Pode ter continuidade, mas não é obrigado também.

**Micaele:** Normalmente está se trocando pelo menos o editor-chefe e o editor-gerente a cada um ano.

**Graziele:** É, eu permaneço como a de sessão de texto.

**Mara:** Entre a Marisângela e vocês, neste período, a revista foi bem-avaliada. A gente está aqui retomando essa questão do início difícil, de todo o envolvimento e o comprometimento daquele grupo para iniciar. Aí vocês, da gestão atual, que já assumem a revista “andando”, mas uma revista que tem então o desafio de manter uma avaliação. Como é manter isso? Ou talvez vocês colocariam o desafio de outra forma? Como vocês avaliam essa situação de quem assume a revista agora nesse momento?

**Micaele:** Manter o Qualis... Agora, né... Agora a revista está em B3.

**Marina:** Houve algumas poucas gestões que tiveram pouca gente envolvida e...

**Marina:** E aí, desde o ano passado estamos conseguindo fazer um corpo editorial com bastante gente...

**Graziele:** Ano passado, quando a gente chegou na primeira reunião, o Bruno e o Anderson Torres falaram que – o Bruno ele era o gerente de edição – ficaram surpresos com a quantidade de pessoas que se interessaram em fazer parte do corpo editorial.

**Micaele:** A gestão – eu falo gestão, mas é a coordenação editorial – de 2014 era composta por poucas pessoas.

**Micaele:** Eles tiveram algumas dificuldades, então a partir de 2015... Já, agora, são 20 pessoas envolvidas. E ano passado também era um número grande de pessoas envolvidas. Então a gente conseguiu se organizar. A revista tinha alguns artigos pendentes há alguns meses e isso foi resolvido. Acreditamos que talvez na próxima avaliação a gente consiga o B2.

**Regina Weber:** Vinte pessoas, é? Quantos têm a senha de acesso?

**Micaele:** Na verdade todos têm senha de acesso, mas cada um tem senha para o seu perfil.

**Marina:** São privilégios diferentes, assim.

**Micaele:** E isso foi também o que motivou uma mudança no regimento. Agora são mais claras as funções do editor-chefe – ou só editor, – e editor-gerente. Percebemos que o editor-gerente acabava auxiliando, o editor-chefe recorria ao gerente quando precisava de alguma ajuda, mas não tinham funções claras, mas no sistema [SEER] aquilo que abre para o gerente é diferente do que para o editor-chefe e é diferente do editor de sessão. Então a partir dali também estipulamos melhor as tarefas de cada um nessa coordenação, que é esse conselho de vinte pessoas.

**Marina:** Então, no caso eu, que seria editora-gerente, fico mais com a parte da administração da revista, como atribuir funções, cadastrar usuários. E a Micaele fica mais com a parte dos artigos e vê quem está responsável por cada artigo e tudo isso.

**Micaele:** É. A Marina também fica responsável por resolver problemas do sistema que eventualmente acontecem, cadastrar avaliadores, entrar em contato para renovação de e-mail, senhas, alguma coisa assim... Quando a gente percebe que o avaliador não está respondendo. E também chama a reunião. E eu fico mais focada na publicação em si, na relação com os autores e com os editores de sessão.

**Grazielle:** É uma reorganização que eu acho que vai mudar, vai ajudar muito para organizar os números e tudo mais. Havia muita confusão com o sistema quando a gente entrou e o Bruno estava com as duas funções também acumuladas no sistema. Ele podia resolver os problemas das duas origens, do número e os números de cada, e de cadastrar avaliadores, essas coisas todas. Agora as coisas estão mais distribuídas, oficialmente distribuídas no regimento. Assim, acho que fica mais claro e ajuda o trabalho da revista.

**Marina:** É, e se faz uma coisa mais horizontal, também. Claro, fazemos coisas um pouco diferentes, nos ajudamos bastante, enfim, é uma “coeditoração” da revista.

**Marisângela :** Essa característica também tinha no início. Acho que porque todos criaram, todos faziam parte do conselho editorial. Formalmente existia essa hierarquia de editor-chefe, gerente

e tal, mas na prática era tudo bem horizontal também, todos participavam, todos decidiam. Tanto que no dia que a gente foi publicar o primeiro número todos colocaram o dedinho no notebook para todos apertarem o “enter” todos juntos para colocarem o número no ar. Foi bem legal.

**Micaela:** Bem simbólico.

**Regina Weber:** A questão da avaliação do artigo eu entendo que seja um dos aspectos de maior responsabilidade e é também o de uma carga intelectual menos técnica. Eu sei que devem ter, enfim, os avaliadores mas eu pergunto isso pelo fato de vocês serem alunos, porque estão na fase em que tendem a ser julgados, e na posição, nessa em que vocês estão, vocês julgam e, eventualmente, julgam algo importante para a pessoa que está do outro lado do artigo. E como é que vocês têm lidado com isso?

**Marina:** Ah, então, os artigos. Eles são avaliados por avaliadores anônimos, enfim, quer dizer, eles não são anônimos para nós, mas são anônimos para pessoa que está sendo avaliada.

**Marina:** Sim. A gente escolhe quem vai avaliar com base em questões temáticas, digamos, tem um artigo de, por exemplo, história militar e a gente envia para especialistas em história militar.

**Marina:** Nós temos um banco de pessoas que já estão cadastradas mas se tem eventualmente alguma área que a gente sente que está um pouco desfalcada, vamos atrás, pesquisar quem trabalha com isso atualmente e aí convidamos essa pessoa para integrar o banco de avaliadores.

**Regina Weber:** E vocês tem pesquisado com quais instrumentos?

**Marina:** Olha, em geral é um pouco, não sei, digamos senso comum, assim, digamos “Ah, a gente conhece tais que trabalham”, e vamos atrás. Em geral, são os nossos próprios editores que Sugerem pessoas.

**Micaele:** Recentemente tinha um artigo que ninguém sabia para quem mandar. Nós pesquisamos no Google mesmo e procuramos professores... aí encontramos um professor da Bahia e outro do Mato Grosso. Mandamos e-mails e eles aceitaram avaliar. Então nós cadastramos eles como avaliadores e encaminhamos o artigo. Então a gente faz assim.

**Marina:** No Lattes, também.



**Micaele:** E a gente sempre tem o cuidado para não pegar professores da mesma instituição ou, no caso de mestres, que não estiveram na banca que não tenham esse vínculo. E agora, como somos vinte, nós - Marina e eu - pedimos um resumo do Lattes, da produção, enfim, do que pesquisa. Então tentamos aproximar os artigos com as temáticas de pesquisa dos editores de sessão, que acho que também ajuda nesse julgamento dos artigos porque, enfim, eu sou historiadora mas para eu avaliar um artigo sobre, por exemplo, Egito, eu tenho mais dificuldade, já que eu trabalho com história contemporânea. Então encaminhamos esse artigo para as pessoas, dentro do conselho, que tem mais proximidade com essa temática.

**Marisângela:** E é algo que, ao mesmo tempo que tu precisas saber um pouco daquilo pra escolher um avaliador, tu também aprendes na medida em que tens que correr atrás para saber a quem designar. Posso fazer uma pergunta?

**Marisângela:** A Sessão Mesa Redonda ainda existe?

**Micaele e Marina:** Não.

**Marisângela:** [esta seção] Foi algo que no começo a gente apostou muito por que queríamos um espaço de debate, então criamos essa sessão para colocar a produção de alguém em questão dentro da revista. Então eu lembro que o primeiro número, que foi sobre, acredito, relatos de viajantes, teve um artigo na Sessão Mesa Redonda e no número seguinte três historiadores debateram aquele artigo e o autor do artigo debatido teve a oportunidade de dar resposta. Era algo que dava um trabalho imenso, porque a tínhamos que correr atrás de alguém para debater e depois dar a oportunidade do autor fazer a resposta. Como esse primeiro artigo era em inglês tínhamos que ter um tradutor e aí publicar a versão em inglês e em português. Mas, no momento em que a gente via o artigo sendo questionado e o autor dando a resposta, víamos que aquilo estava correspondendo ao que tínhamos desejado. Era trabalhoso, mas era algo muito interessante.

**Mara:** Marisângela, tu tocaste num ponto agora que eu acho interessante por que, na atualidade, já estamos acostumados com a ideia de que a produção de artigos e sua publicação é muito superior a nossa capacidade de leitura e de apropriação. Como fica a revista perante essa situação de que “Bem, estamos produzindo,

mas estamos sendo lidos?” Como é era no início esta questão, porque tu falas da necessidade de vocês publicarem quando não existia uma quantidade tão grande de espaços quanto hoje se tem, de revistas discentes. Mas agora se tem, e muitas. Como a *Aedos* se coloca frente a isso?

**Marisângela:** No início eu lembro que a gente sabia do acesso à revista por um determinado caminho que fazíamos no sistema, o qual agora eu não vou lembrar. Mas conseguíamos ver ali o número de acessos e de onde tinham acessado. Então, algo que nos chamou muita atenção no começo é que já nos primeiros números tinha acessos de vários países. Muitos acessos de Portugal, Austrália, Inglaterra, Estados Unidos, e aquilo nos deixava, assim... se sentindo o máximo, porque a nossa revista estava sendo acessada no exterior, achávamos aquilo muito legal. Então percebíamos o acesso à revista por ali e o Fagner, como editor-gerente, eu lembro que conseguia ver os downloads feitos em pdf, então tínhamos uma noção por aí.

**Marisângela:** Eu lembro que tínhamos um grupo de e-mails e nos correspondíamos o dia inteiro, todos os dias, e às vezes o Fagner acessava o sistema e dizia “Olha, já tantos visitantes... A nossa página já tem tantos visitantes.” E cada vez que víamos isso: “Eee!”, a gente comemorava muito.

**Marina:** Pois é. Tu falando isso, me parece que tem muita coisa nessa sucessão de administrações da revista que foi se perdendo um pouco...

**Marina:** Essa Mesa Redonda de que tu falaste era uma sessão que estava meio que desativada, assim, ela não funcionava nos últimos anos então a gente parou de usar. Talvez seja uma coisa a se repensar para o futuro...

**Grazielle:** Acho que a gente nem entendeu muito como isso funcionava.

**Marina:** É. Mas sobre a questão dos leitores, a gente tem uma busca grande de pessoas que querem publicar os textos na revista então sempre que sai uma nova edição, um novo número, sempre tentamos divulgar o máximo possível nas redes sociais, nos e-mails de programas. E também tentamos buscar temas que chamem atenção. Estamos com uma proposta de fazer um dossiê agora sobre um tema que está muito em voga, que é a questão da

interseccionalidade entre gênero, raça e classe (teve um minicurso agora no encontro da ANPUH/RS [julho de 2016, Santa Cruz] que foi muito procurado). Então, é preciso sempre estar atento a temas que as pessoas estejam falando.

**Graziele:** Mas a gente também faz uma pesquisa para ver quais são as publicações recentes das outras revistas para não ficar postando as mesmas coisas.

**Micaele:** E agora eu me lembrei, quando a Marisângela falou de saber a opinião dos colegas. Esse próximo dossiê foi decidido em reunião do conselho, mas, a partir do ano que vem, os temas vão ser colocados em debate dentro do programa. Vamos criar alguma ferramenta de debate para os alunos que não são do conselho opinarem sobre propostas de dossiê. Também é uma forma de aproximá-los. Sentirem, enfim, que a revista faz parte desse programa de pós-graduação.

**Marina:** Eu acho que houve um distanciamento, não se tem mais um vínculo tão grande entre os outros discentes e a revista. É mais quem está trabalhando nela, mesmo. Já vieram alunos me perguntar “Tá, mas quem é aluno do PPG da UFRGS pode publicar na *Aedos*?” “Sim, pode”. Então penso que esse trabalho [de aproximação] a gente tem que fazer mais, também.

**Regina Weber:** Falando nisso, quais são as restrições que existem atualmente ou desde sempre de quem pode e quem não pode publicar? Critérios?

**Marina:** Bom, atualmente se tem uma restrição para pessoas que sejam já graduadas, que eu acho que podemos colocar em questão no futuro também, se é pertinente ou não. E pessoas que fazem parte do corpo editorial também não podem publicar na revista. Então, digamos, nós não poderíamos publicar na revista, mas alunos do programa que não sejam vinculados a revista podem enviar artigos. E, claro, são artigos de história ou de áreas afins que dialoguem com a história. Não necessariamente ser proposto por um historiador, uma pessoa que tenha formação em história, mas que tenha algum diálogo.

**Mara:** Quanto aos temas. Vocês falaram agora dessa preocupação de estarem em sintonia com os temas que estão mais em discussão. Eu fiz um levantamento rápido em torno das palavras que

mais apareciam nos títulos dos dossiês da revista *Aedos*. “História” é a palavra que mais aparece. “Pesquisa” aparece bastante, mas a segunda palavra que mais aparece depois de “história” é “ensino”. E também vi que “medieval” era recorrente. Então queria perguntar vocês sobre essas temáticas.

**Marisângela:** Na nossa turma eu lembro que o segundo número não foi o número que seguiu os trâmites da revista. O segundo número correspondeu aos anais de um evento de história medieval, e eu lembro que nós fizemos uma reunião até para discutir se a revista faria isso. Se a revista seria um espaço para publicação de anais de eventos. Foram longas discussões.

**Marina:** Foram longas discussões que no ano passado também aconteceram.

**Marisângela:** Isso só reafirma a seriedade com que as coisas eram e continuam sendo feitas na revista. Então eu lembro que o primeiro número teve um dossiê sobre relatos de viajantes e o segundo número foram os anais de um evento em história medieval.

**Marisângela:** Talvez a recorrência da expressão “história medieval” se deva a isso. Eu acho que foram uma ou duas vezes que foram publicados anais dos eventos de história medieval, até por que o Igor [Teixeira], que agora é professor do departamento, compunha o conselho editorial na época e ele ajudou a organizar esses eventos. Então foi ele que fez a ponte entre a organização dos eventos e a *Aedos* pra publicação dos anais saírem por ali.

**Marina:** Teve anais de eventos da FACED também. Que foram de ensino de história. Foram publicados também na revista.

**Graziele:** No passado publicamos anais e surgiu de novo esse debate: se a gente deve ou não publicar, e sobre a avaliação desses artigos. Aceitar direto do evento, ou não? Submeter de novo a avaliação?

**Marina:** A gente chegou a conclusão que o mais interessante seria publicar anais, entretanto, como números suplementares. Faríamos uma edição extra com os anais. Porque, enfim, se for uma quantidade muito grande de artigos, então há um trabalho muito grande pra selecionar e tal.

**Mara:** Esse número vai ser comemorativo dos trinta anos do PPG, então começamos a retomar: quais são as questões, as

iniciativas significativas nesses últimos 30 anos? Então o convite feito a vocês tem a ver com a percepção de que existe uma mobilização dos alunos muito forte na representação estudantil atualmente, mas que já tinha começado com a *Aedos* há um tempo atrás. Eu também fui aluna da pós-graduação e naquela época não se tinha uma mobilização tão grande.

**Marina:** Acho que, em primeiro lugar, é isso mesmo que tu falaste. Proporcionar um espaço para que os alunos do PPG possam interagir e trabalhar juntos. Gente que geralmente trabalha com áreas completamente diferentes possa ter esse trabalho conjunto, um trabalho em equipe mesmo. Acho que isso é muito importante porque, enfim, tu crias vínculos, tu crias laços com as pessoas que, muitas vezes, se não houvesse esse espaço, as pessoas ficariam encerradas em suas próprias pesquisas, não se teria esse trabalho mais coletivo.

**Micaele:** É uma forma de se sentir mais presente no Programa de Pós-Graduação. Não se sentir tão isolado, porque às vezes a nossa pesquisa se dá muito sozinha, fechados em arquivos com nossos papéis velhos. E a revista é uma oportunidade de troca de experiências, além de proporcionar um espaço interessante para a publicação, não só dos alunos do nosso programa, mas de outros programas.

**Marina:** É. E até em anos anteriores a *Aedos* promoveu eventos também, não ficou só na publicação da revista.

**Micaele:** E é interessante que tu falaste da representação discente. São grupos que são próximos, na verdade. Eu sou vice representante discente do Pedro. Mas o Pedro [Silveira] é muito eficiente, não sou muito ativa. Mas as atividades que a representação discente está propondo também são organizadas pela Grazi, pela Marina. Então somos o mesmo grupo de alunos, claro... Há alguns que estão mais vinculados à representação e outros à revista, mas, em geral é o mesmo grupo de alunos que se interessou em participar mais ativamente.

**Grazielle:** Eu acho interessante porque a gente vai criando uma autonomia também em assumir essas funções, que são de grande responsabilidade, e as próprias organizações de eventos que a gente faz. Dá um trabalho, mas...

**Marisângela:** E parece que tudo isso reflete em um momento em que quem está se pós-graduando em história percebe que tem que apostar também em outras coisas. Quem está se pós-graduando percebe que o historiador não deve só produzir conhecimento histórico e ensinar o conhecimento histórico, ele tem que saber também cuidar de uma revista, ele tem que saber cuidar de outras questões. Mostra como esses profissionais estão se capacitando para a vida profissional, para as exigências que a futura vida profissional vai impor. E isso me parece bastante claro. Em 2008 isso se impôs com toda força, me parece. Isso já aparecia antes mas, como eu comentei, para os estudantes de antes – eu lembro que eu fiz o mestrado entre 2005 e 2007 – isso já aparecia, esse assunto de uma revista já aparecia, mas não com a força que apareceu em 2008.

**Regina Weber:** Só complementando o que a Mara disse. É um pouco claro, uma diferença muito grande na ação estudantil na graduação e na pós. E não é só aqui, ou seja, na graduação aquela militância extremamente ativa, reivindicativa, politizada, e na pós parece que há um, quase que um acomodamento. Então mais ou menos o que a Mara estava colocando, a questão da revista é uma ação. É algo propositivo mas também parece ser um bom espaço que não é de um confronto direto com a organização da pós, mas é uma ação de autonomia.

**Marina:** E claro, também ação política no sentido mais clássico mesmo por que, digamos, propor um dossiê de gênero, raça e classe é uma ação política. Os temas que são escolhidos também refletem o posicionamento, não é uma revista sem partido.

**Regina Weber:** Em termos de vocês captarem autores: com o recurso eletrônico, assim como vocês captam avaliadores de outros lugares, podem captar autores. Vocês já atentaram pra isso? Para onde vão as mensagens de divulgação da revista, dos dossiês?

**Micaele:** O Facebook é um grande recurso, agora nessa divulgação dos dossiês funciona melhor que, às vezes, os próprios e-mails dos programas de pós-graduação. Então tem os grupos do Facebook dos diferentes PPG's...

**Marina:** Dos diferentes GT's [da ANPUH] também.

**Micaele:** Dos diferentes GT's. A gente usa esse recurso e quando é um dossiê mais temático, buscamos também grupos e páginas do Facebook que se aproximam do tema. Os nossos dossiês não são por convite. Mas enfim, nós divulgamos como eu sou do GT Mundos do Trabalho, quando o dossiê foi "Mundos do Trabalho" eu e o Guilherme Nunes nos responsabilizamos por tentar buscar essas pessoas no nosso GT, fazer uma divulgação mais específica. Agora o desafio é atentar como divulgar isso para as outras universidades e fora do país. Porque, provavelmente no próximo número vai ter um artigo de um professor da Universidade do Chile e outro é da Argentina, ou Uruguai, não me recordo. Então vemos que também tem essa procura e que a gente pode divulgar a nossa revista e os dossiês para essas universidades de língua espanhola...

**Micaele:** E aí é um elemento a mais para pensar nos avaliadores, no próprio editor de sessão que vai pegar esse artigo, mas nunca precisamos recorrer a um tradutor.

**Marina:** E até teria a questão do recurso financeiro pra isso. Porque a gente não tem um caixa. Então teria que captar recursos para contratar um tradutor e isso coloca um obstáculo.

**Graziele:** Agora lembrei que há um problema também com a arte. A gente estava pensando em estabelecer uma arte fixa que, acredito, é um dos requisitos de avaliação, do qualis, ter um arte fixa da revista, identidade visual. A gente também não tem caixa para contratar um designer pra fazer isso.

**Micaele:** A gente queria dar uma renovada.

**Regina Weber:** Talvez vocês se colocando com o pessoal do design aqui da UFRGS. Assim também a tradução. Já foi feita uma tradução por alunos da Letras, de maneira que aquilo tenha validade como trabalho de semestre.

**Marina:** Enfim, é algo que está na lista de coisas a se fazer para o futuro.

**Mara:** Então talvez vocês queiram espontaneamente colocar algo que seja importante, que a gente não tenha pensado ainda. O que mais vocês gostariam de dizer, neste momento em que a nossa pós-graduação faz 30 anos e entrevista as editoras da *Aedos*?

**Micaele:** Por sinal, todas mulheres.

**Mara:** Pois é!

**Micaele:** Vamos fazer constar isso.

**Mara:** As que estavam presentes, sim. Tem dois editores que fizeram contato mas que pretendem responder algumas perguntas por e-mail.

**Regina Weber:** Uma última questão que me ocorreu agora. Vocês sabem em que outros programas de pós tem revista de discentes?

**Marina:** Mais ou menos sim. A gente em geral se preocupa em fazer um levantamento dos dossiês para ver o que está sendo proposto em revistas discentes.

**Micaele e Marina:** A UPF [Universidade de Passo Fundo] tem; do programa de história. A UCS [Universidade de Caxias do Sul]. Agora não consigo me lembrar, a UNISC [Universidade de Santa Cruz] tinha, mas está desativada. A PUC tem a *Oficina do Historiador*. A UNISINOS tem. A UFPEL começou recém, acho que é o segundo ano da revista discente deles. A FURG eu não me lembro. Mas as mais ativas então são a *Aedos*, a da UNISINOS e a da PUC.

**Mara:** E no restante do Brasil? A UFRJ eu lembro que tinha uma revista discente, em algum momento deve ter tido alguma notoriedade.

**Graziele:** A gente tem também tomado mais conhecimento das de outros lugares porque aos poucos, no PPG e na *Aedos* também, há colegas de outros estados. Isso tem sido bem positivo. Acho que é uma coisa que vai ser ótima para o futuro da revista e do PPG.

**Mara:** Nas gestões de vocês tem havido mais demandas de autores do Rio Grande do Sul, ou de fora do estado também?

**Graziele:** É bem equilibrado, mas a gente tem tomado contato com possíveis avaliadores através desses colegas que integram o corpo editorial. Avaliadores das outras revistas, bem positivo.

**Micaele:** Das publicações, nas últimas, foi bem equilibrado. Mas é bem impressionista o que eu digo, pois não tenho isso contabilizado. Mas principalmente das universidades do Rio, nos últimos números, tem uma presença forte. Universidade do Piauí, Ceará também.



**Micaele:** Isso vai ao encontro do que a Grazi tem falado, que as pessoas que também estão participando da revista, do corpo editorial, muitas também fizeram mestrado ou a graduação em outros lugares. Isso também influencia para que a revista seja divulgada. Agora, por exemplo, a Thaís [Fleck Olegario] é do Mato Grosso, agora temos vários avaliadores da Universidade Federal do Mato Grosso e é provável que logo vamos ter artigos dos colegas dela de lá.

**Marina:** Colegas do Ceará, como o Hildebrando [Maciel], que estava no corpo editorial ano passado. É um contato legal. Também, além disso, de tentar estabelecer diálogos mais internacionais mas também interestaduais.

**Regina Weber:** Vocês leem os artigos e eventualmente são avaliadoras, também?

**Graziele:** O corpo editorial não avalia. Temos o corpo de avaliadores que só podem ser acima de doutorandos e professores, mas a gente não chega a avaliar, só editar.

**Micaele:** A princípio, fazemos uma leitura do artigo para ver se ele está nas regras mínimas, seguindo os requisitos mínimos de publicação e também da qualidade, se a gente vê que é um artigo que está incompreensível... E outros problemas mesmo, como o de não estar citando referências. Plágio já aconteceu. Nestes casos, respondemos na negativa para o autor. E quando tem as correções obrigatórias, os comentários feitos pelos avaliadores, enviamos esse artigo para o autor e ele faz as correções. E nós somos responsáveis por ver se ele seguiu ou não as recomendações. Acho que é neste momento em que somos mais “avaliadores”.

**Graziele:** É um trabalho!

**Micaele:** Agora pensando... É bem trabalhoso.

**Marina:** É depois que todas essas etapas foram cumpridas fazemos uma última leitura para ver se não tem algum problema de escrita, coisas mais pontuais.

## Entrevista com representantes discentes do Programa de Pós-Graduação

**Mara:** Essa entrevista deve compor um dossiê da revista Anos 90 sobre as comemorações dos 30 anos da pós-graduação. Então, por isso, eu tenho o prazer de convidá-los para pensar a participação dos alunos nessa história da pós-graduação, para contemplarmos não só a perspectiva das representações docentes sobre essa memória, mas as representações discentes também. Agradeço a disponibilidade para essa conversa e inicio com uma pergunta que vocês podem responder da maneira que acharem mais interessante: A representação discente do PPGH tem estado bastante ativa nos últimos meses, a propósito, desde a fundação da revista *Aedos*, há oito anos, percebe-se uma mobilização maior dos estudantes do nosso PPGH. Qual é a percepção que a representação estudantil tem desse estado de ânimo dos pós-graduandos? A que se deve?

**Isadora:** Eu não sei se tem se mobilizado assim...

**Isadora:** ...se tem se mobilizado de uma maneira geral ou se são iniciativas mais individuais, que ocasionalmente se engajam em algumas questões. Acho que umas das coisas que talvez tenha sido determinante, não na nossa participação, mas talvez em uma ampliação da participação dos discentes, tenha sido a perspectiva de corte de bolsas. Isso aconteceu no ano passado, como também o atraso das bolsas CNPq e CAPES, que acho que de alguma maneira mobilizou os pós-graduandos para pensar um pouco mais coletivamente. Mas a minha visão é de que ainda é um momento muito individualista. A pós-graduação ainda não tem um diálogo muito grande entre os discentes.

**Pedro:** É, eu concordo totalmente e acho que foi bom tu lembrares que ano passado acabamos indo na mesma reunião, no auditório da [Faculdade de] Economia, que era justamente sobre o corte de bolsas. Uma reunião que estava cheia porque foi o primeiro anúncio de corte das despesas de custeio do pós, dos programas da pós-graduação. Então ninguém sabia o que estava acontecendo e normalmente é nesses momentos, em que principalmente as bolsas estão sendo afetadas, que os pós-graduandos se reúnem e discutem.

Mas acho que desse momento inicial, desde o ano passado, em maio ou junho, dessa reunião e aí até agora, acho que...

**Mara:** Tem a ver então com essa reunião, com essas notícias desagradáveis, mas o evento que vocês organizaram tem a ver com isso? Com esse tema?

**Pedro:** Não.

**Pedro:** Acho que esses momentos são um dos poucos que fogem daquilo que a Isadora falou, sobre o pós parecer ser naturalmente individualista e fragmentador. Então esses momentos são os que reúnem, em que se mostra haver uma pauta maior que une os pós-graduandos. A bolsa é uma delas. As questões de custeio de viagens são outra. E aí, nesse momento, o que surgiu foi um grupo que estava mais interessado em agir e pensar essas coisas.

**Isadora:** A partir da primeira reunião, se colocou a ideia de não ter uma representação tão deslocada do corpo dos alunos em geral, que tivesse um diálogo maior, que não se votasse ou participasse [das plenárias do PPGH] sem um retorno para os colegas. Aí mantivemos um grupo que dialogava um pouco mais e se propôs então a fazer esses eventos; o primeiro foi o Fórum interno [I Fórum Interno Discente do PPG-História da UFRGS] em que a gente discutiu...

**Pedro:** E discutiu muito!

**Isadora:** ...que a gente discutiu bastante as pesquisas dos colegas, e acho que foi bastante produtivo, que houve uma maior integração acadêmica, quando se pode entender que pesquisa estava se fazendo na pós graduação. Porque era algo que não se tinha dimensão. Eu já estava no meu segundo ano do mestrado e não sabia o que os colegas estavam estudando. Acho que foi bom isso...

**Mara:** Mas antes de uma avaliação do que aconteceu no Fórum, vocês podem explicar um pouco qual foi o seu formato, quantos dias, como vocês pensaram e organizaram isso...

**Isadora:** Dentro de um programa de extensão denominado Ser pós-graduando/a em História: debates contemporâneos sobre pesquisa, atuação e ensino, fizemos o Primeiro Fórum Discente do PPG-História, que teve a organização em dois dias, manhã e tarde. A ideia foi divulgar o fórum e propor que os mestrandos e

mestrandas, doutorandos e doutorandas enviassem duas questões que eles gostariam que debater e um resumo breve da sua pesquisa. E a partir dessas duas questões organizamos quatro mesas pensando em eixos de diálogo que essas pesquisas poderiam ter, colocando debatedores que o articulariam. A princípio não sabíamos se isso ia dar certo porque a gente nunca...

**Mara Rodrigues:** Os debatedores também eram alunos do pós?

**Pedro:** Sim.

**Isadora:** Sim, todos alunos do pós. A Gabriela Corrêa, a Marina Gris, o André Anzolin... A Camila Petró. Fomos nos dividindo, formando essas mesas, e foi bem interessante porque não foi somente uma apresentação das pesquisas, foi realmente uma discussão sobre problemas que perpassavam várias pesquisas. Eu estava mediando uma das mesas que tratava desde o Egito, reis no Egito, até Getúlio Vargas advogado. Era uma mesma mesa. E uma mesa que dialogou super bem, realmente teve uma conversa sobre a pesquisa. E foi logo depois, um dia depois, da votação do impeachment na Câmara. Então o clima era bem aterrador sobre o futuro e foi uma discussão interessante, que articulou presente, perspectivas de futuro e as nossas pesquisas sobre o passado.

**Pedro:** É... E uma ideia era não se ficar preso no recorte temático, por exemplo, “quem estuda indígenas fala com pessoas que também estudam indígenas...”

**Isadora:** Daí tu vais, por exemplo, para o Mato Grosso, e encontra as mesmas pessoas de sempre, porque os eixos temáticos são muito restritos. Então a ideia era...

**Mara:** ...pensar outros eixos para poder articular as conversas...

**Pedro:** ...que fossem por problemas.

**Isadora:** Fomos agrupando por blocos. Havia grandes temas e depois blocos que dialogavam. Então um dos temas foi o clássico “História e historiografia”, que era algo que aparecia [nos discursos dos pós-graduandos] e a partir deste tópico geral apareceram várias temáticas diferentes. Esse que eu comentei era a “mesa C”...

**Pedro:** ...de fontes, não é?

**Isadora:** Isso. “Fontes” era o nome da mesa em que se tratou de diferentes formas de abordagem a partir de distintas fontes. Desde os hieróglifos em pedra até [complementar], eu que faço

história quantitativa... Enfim, coisas bem variadas. Essa foi talvez a mesa mais eclética.

**Mara Rodrigues:** E a adesão às discussões? Como foi a presença dos pós-graduandos? Como vocês avaliam?

**Pedro:** De inscrições foram quarenta e quatro, se não me engano. Contando que são mais ou menos duzentos alunos, então um quinto participou.

**Isadora:** E participaram efetivamente. Acho que uma das coisas interessantes foi que não houve “um público” e “um apresentador”. Mesmo as pessoas que não se inscreveram participaram, algumas não tinham se inscrito para debater, mas como ouvintes participaram tanto quanto os debatedores; isso foi bem interessante. E participou bastante gente que tinha ingressado no mestrado ou no doutorado em 2016.

**Isadora:** E acho que o *feedback* deles foi bem legal. Para eles não se sentirem tão isolados ao chegar. Tem gente de Roraima, de vários lugares, de Florianópolis. Chegam um pouco... não conhecem os colegas. Eles disseram que foi importante aquele momento; saber o que estava sendo pesquisado.

**Mara Rodrigues:** Isso quer dizer que vocês pretendem fazer outro ano que vem?

**Isadora:** É. Nós tínhamos proposto que se fizesse um fórum, desta vez externo, para congregar uma maior gama de discentes de outros programas... Como outras universidades têm, a UNISINOS, a PUC. Mas não sei se vai sair.

**Pedro:** O que eu gostaria de comentar é que acho que desde o começo [da nossa atuação na representação discente] foram duas coisas que notamos naquelas primeiras reuniões em relação ao que se quer de uma representação discente: primeiro, que não fique tão afastada e que pelo menos envie notícias, porque nem sempre recebíamos por e-mail, sobre o que estava acontecendo no pós. Então, nem que seja um informe do que foi uma reunião, do que foi uma plenária, o que está acontecendo... Ainda mais neste contexto que está da aquisição de verba e o custeio, que nunca se sabe muito bem o que é que dá para fazer ou não, até como aluno.

**Mara Rodrigues:** E vocês elaboram informes para mandar por e-mail? Como é que funciona?

**Pedro:** É, eu acabei cuidando disso, de informar por e-mail, detalhando o que foi a reunião. Por exemplo, no ano passado logo que o Benito [Schmidt] assumiu [a coordenação do PPGH], ele fez uma reunião sobre a situação financeira do programa. Então, praticamente tudo aquilo que foi dito eu repassei no e-mail. Então era isso que queríamos, ter um canal de informação mais seguro, mais presente e também ter um evento. Foi por isso que eu comentei que nós discutimos muito porque a ideia inicial era fazer só um evento. Mas desse evento saíram dois, pelo menos. Depois foram surgindo outras ideias de eventos, semelhantes aos de outros PPGHs que já tem encontros discentes. Queremos fazer um também da UFRGS, que até agora não tem.

**Mara:** Que a UFRGS promovesse um encontro discente que fosse para além dos discentes da UFRGS?

**Pedro:** Sim, mas achamos necessário conhecer primeiro o que os colegas estudam antes de fazer um encontro aberto...

**Mara:** De onde vem essa vontade [de atuação da representação discente], neste momento? Pergunto isso como ex-aluna do curso, pois tínhamos representantes discentes que iam às reuniões, mas não era comum essa atuação. Não lembro de uma atuação com tanta visibilidade, quanto a de vocês. Por isso eu perguntava, para além da crise financeira que provoca esses cortes, sobre outras motivações [para a reativação da representação discente].

**Isadora:** É, eu acho que uma das coisas que sempre me motivou foi que eu sempre participei do CHIST [Centro de Estudantes do Curso de História da UFRGS]. Então, para mim, foi um pouco uma extensão do que eu já fazia. Enfim, eu era representante no conselho do PPGH e no primeiro ano que eu entrei no mestrado, trabalhava muitas horas e não conseguia ter um contato mais direto com a vida do pós. Daí depois de sentir essa falta de informações e atuação...

**Pedro:** É que eu acho que a representação discente normalmente era vista como burocrática... Como alguém que está sentado nas reuniões, tipo um intermediário, no máximo.

**Mara:** E qual é a relação de vocês com a *Aedos*? Porque as meninas [as editoras da revista] chegaram a comentar na entrevista

da sexta-feira que a representação discente também estava junto da *Aedos*. Qual é a relação entre representação discente e revista discente?

**Isadora:** Pelo menos da nossa parte, eu acho que esse é mais o caminho das meninas da *Aedos*, que participaram ativamente da organização da representação discente.

**Pedro:** É que eu acho que quem faz parte da *Aedos* já tem um perfil de querer organizar. Se organizar e ser mobilizado.

**Isadora:** Então a Marina [Gris], a Micaele [Scheer] e enfim...

**Pedro:** ...o Bruno [Segatto] participou de algumas reuniões. Mas especialmente elas [Marina e Micaele].

**Isadora:** Nós dialogamos bastante com as meninas. Nós não participamos tanto da *Aedos*, quanto elas participaram da representação discente. Elas foram bastante ativas.

**Pedro:** É. E a Micaele é a suplente [do representante discente] do doutorado, então é alguém que já estava nas reuniões da *Aedos* e que também passou a participar das reuniões da representação discente.

**Mara:** Vocês fazem reuniões com alguma frequência? Vocês ainda têm reuniões periódicas?

**Pedro:** Nós tivemos. Perdeu um pouco a periodicidade.

**Pedro:** É um pouco difícil conciliar as coisas com a dinâmica do pós.

**Isadora:** Mas nós tivemos várias reuniões. No começo, mais frequentes e depois do primeiro evento um pouco mais esparsas.

**Mara:** É anual a representação...

**Isadora:** Ela não tem um regimento.

**Pedro:** Até é uma das coisas que eu já comentei, que é para legar para os próximos representantes: tentar colocar no regimento (porque tem que ser aprovado em plenária do pós); que esteja previsto que tem que ter uma representação discente e que ela está organizada etc... dura um ano, coisas assim.

**Mara:** Tem uma pergunta que a Regina [Weber, coorganizadora do dossiê] enviou. Pela experiência de vocês, ou do que vocês ouviram de representantes mais antigos, tem sido possível atuar corporativamente nos órgãos representativos, comissão e conselho, plenária do PPGH onde os alunos tem acento?

**Isadora:** Eu acho que nós conseguimos. Com relação as representações anteriores, eu não tenho ideia, nunca conversei com representantes anteriores, não sei. Não sei nem quem são.

**Mara Rodrigues:** A gente [quando aluno do PPGH] perde a memória de um mandato para o outro. É interessante, porque eu estou há muito tempo na casa [como aluna de mestrado, doutorado e como professora] e consigo visualizar certas coisas. Mas vocês mesmos não tem uma noção mais ampla do que vocês estão fazendo, quer dizer, de como isso pode ser comparável a outras ações.

**Isadora:** Não, não.

**Pedro:** Para ter uma noção, ano passado acabamos nos mobilizando, encontrando um pouco esse espaço com um e-mail que o Benito [Schmidt] mandou, dizendo que estava vaga a representação discente. Porque, senão, não saberíamos que estava vaga. Não era uma informação que chegava. Então foi algo que, no fim, veio “de cima”. Agora acho que nós conseguimos construir uma base para conseguir colocar coisas a partir dos alunos.

**Isadora:** É, acho que sim. Nós não tínhamos uma tradição mais “corporativa”, para usar a palavra da pergunta, mas acredito (espero!) que tenhamos conseguido consolidar porque vejo um movimento das pessoas, “ah, agora quem é que vai assumir, depois que tu saiu?” Eu fico dizendo pra todo mundo: “Ó, alguém vai ter que assumir”.

**Pedro:** E pelo o que nós vimos ficamos uns meses sem representação discente. Mas aí eu acho que nós conseguimos agir... Também vai da prática de reunião com o pós e das plenárias... Nós começamos as primeiras [participações] bem tímidos, faz parte, não é? Acho que deu pra segurar, ter um pouco de voz nos dois fóruns.

**Mara:** Outra pergunta enviada pela Regina. E com a APG (Associação dos Pós-Graduandos) UFRGS? Tem havido envolvimento dos pós-graduandos da história? Não sei se tem a ver com aquela reunião [que vocês mencionaram anteriormente]? Ela foi promovida pela APG?

**Isadora:** Tem. Ela foi convocada pela APG. A princípio tivemos contato com a gestão anterior, não é mesma atual gestão, mas é, digamos, um seguimento daquela. E, a princípio, nesse momento do corte de verbas eu participei de algumas reuniões e depois também



perdemos um pouco o contato. Eles também tiveram uma troca de gestão e isso era uma coisa a se retomar também. Porque atualmente não estamos muito em contato.

**Pedro:** É. Se se quiser fortalecer, como parte do movimento da representação discente, temos que retomar esse contato com mais força na APG. Tem outros contatos para se fazer, nós já conversamos aqui sobre isso... Por exemplo, com o CHIST, que é um contato que também acontece muito individualmente, pois alguns colegas são mais próximos dos alunos de graduação, outros não. E aí acaba sendo uma coisa muito individual, mas, como representação discente, CHIST e APG poderiam estar juntos. Mas isso é algo que ainda está longe, engatinhando, como atuação conjunta.

**Mara Rodrigues:** Uma pergunta também da Regina: Considerando que o meio intelectual é sabidamente competitivo – concordo com ela – tem sido possível atuar coletivamente entre colegas? Entre os discentes, como fica essa questão da competitividade?

**Isadora:** Eu acho que tem menos relação com a representação discente do que com a atuação política de maneira geral. Nós vivemos um momento em que a atuação política não remunerada, não partidária, não visando a uma carreira política, é muito rara e muito escassa. Isso é uma coisa que sempre senti. Acho que o pós-graduação tende a acirrar um pouco isso no sentido de, bom, tu está dedicando tempo para vir em uma reunião, elaborar um evento e etc, e não está escrevendo um artigo para publicar, enfim, não está fazendo uma coisa mais direcionada a isso. Agora com relação a uma competitividade direta acho que não... eu não sinto isso assim.

**Pedro:** Eu tenho a sensação de que está todo mundo no mesmo barco. O que é bom. Foi essa a sensação do evento. Então eu acho que tem mais companheirismo. Acho que a competição vem mais por esses órgãos externos...

**Isadora:** ...do que propriamente internos.

**Pedro:** Ela [a competição] é menos horizontal e vem mais vertical.

**Mara Rodrigues:** Parece que a gente está vivendo um momento em que há, pelo menos dentre os jovens de esquerda, essa vontade de se organizar de forma horizontal, coletivamente, de uma maneira

mais intensa. Não sei se vocês acham que isso também se verifica no cotidiano, na ação de vocês?

**Pedro:** É. Eu acho que até a ideia, a vontade para unir esse grupo é justamente pelo fato de a gente notar essas coisas e querer encontrar um canal como pós-graduando para fazer alguma forma de organização. Participar das reuniões de representação discente é uma dessas formas. Organizar os eventos...

**Isadora:** Para mim, com certeza, a formação política e a organização do CHIST, que há anos vem sendo assim (não sei como é que está agora, não tenho acompanhado), prezando por uma participação horizontal, não estimulando a ideia de uma ascensão política através do centro acadêmico, foi muito importante. Acho que foi uma das conquistas dos anos em que estivemos no CHIST, que se mantém até hoje: não tem presidente, vice-presidente etc. Acho que essa foi uma das coisas que, pelo menos para mim, influencia pensar a representação de uma maneira muito diferente do que tradicionalmente. Eu me vejo como uma representante de uma parte [dos pós-graduandos], daqueles que se mobilizam para pensar junto.

**Pedro:** Eu acho que o papel do CHIST é muito importante na formação dos alunos da graduação, mesmo quando acontece de forma indireta. Mas a relação que tu tem com o CHIST, com o que o CHIST está representando, se é um espaço que está aberto, ou não, – e aí eu conheço muito pouco –, mas eu noto que quando eu estava na graduação o CHIST parecia muito mais distante, E aí, contigo [Isadora], já foi diferente. Então o CHIST é muito importante. justamente para saber que tu pode fazer a carreira acadêmica junto com política. Se vai parecer que as duas coisas são opostas, e às vezes parecem, mas é interessante, pois parece se estar a caminho de se juntar as duas coisas práticas (acadêmica e política). E aí acredito que essa situação se relacione com a questão da juventude também.

**Mara:** Como fica a integração desses colegas que não eram da UFRGS antes? Pois há um número cada vez maior de pós-graduandos que vem de outras cidades do Rio Grande do Sul e outras cidades do Brasil.

**Isadora:** Eu acho que... vou falar um pouquinho do evento, esse último, que eu acho que traz várias das questões que surgiram.

Então a gente fez esse segundo evento. Na primeira semana de julho. Então esse se chamava *Ser pós-graduando(a) no Século XXI*, e aí debatemos alguns temas que achávamos que eram importantes para pensar essa inserção dos colegas de maneira geral e como estava sendo “ser pós-graduando” nesse momento. E uma das coisas que surgiu muito forte foi a dificuldade que as pessoas que vêm de fora, de se sentirem acolhidas no programa de pós-graduação, que é um momento muito pesado, todo mundo sabe... Para as pessoas que vinham de fora a acolhida era muito difícil. Era muito distante, era muito difícil, mas ao mesmo tempo também a gente teve a participação... a própria Micaela, que não era da UFRGS, participou bastante.

Então, resumidamente, eu acho que, por um lado, eu e o Pedro (não nos conhecíamos). Nos conhecemos um pouco nessa articulação, e acho que várias pessoas também se conheceram um pouco nessa articulação, que foi importante, eu acho, para acolher alguns elementos exógenos dessa trajetória da UFRGS, que acho que é um pouco fechada em si mesma. As pessoas fazem a graduação aqui e continuam mais ou menos em um mesmo grupo na pós-graduação. Acho que isso [a organização dos eventos] também foi uma abertura para outras pessoas se sentirem mais acolhidas.

**Pedro:** Depende muito do perfil da pessoa, mas às vezes os colegas que vêm de fora, não necessariamente de outras universidades, mas outros estados, outras cidades, justamente porque o pós-graduação acaba sendo o principal foco de socialização, acabam entrando mais nas reuniões, se envolvendo mais. Tem a Micaele, o Hildebrando é um que participava muito, que vêm de fora do estado. E aí então o fato de vir de fora acho que faz as pessoas quererem entrar e participar mais da pós-graduação...

**Pedro:** É... porque [estes que não são daqui] não tem todo o outro lado da sociabilidade de Porto Alegre, de ser sempre daqui. Então o pós acaba sendo o principal foco, a pessoa entra e se envolve mais mesmo. Mas claro, depende muito do perfil. Como eu disse, proporcionalmente acho que um bom número [de colegas que vem de fora] acaba participando bastante. Mas é um dos problemas que é apontado sempre; que vir de fora é muito difícil.

**Mara:** E nesses eventos, o que é que vocês puderam perceber, agora como “relatores” das preocupações que estão aparecendo, sendo expressadas pelos pós-graduandos? Quais são as principais preocupações?

**Isadora:** Esse último evento, acho que foi um resumo das preocupações. A primeira mesa tratava da inserção, e da possível inserção, desses grupos que serão contemplados pelas cotas, pelas ações afirmativas [a serem implementadas no edital de seleção para mestrado e doutorado em 2016]. Então nós tivemos um diálogo interessante sobre a questão da militância acadêmica, a Marina [Reidel] trouxe a questão de ser transexual na pós-graduação e a professora Maria Aparecida Bergamaschi falou da questão dos indígenas na pós-graduação. Acho que ali surgiram algumas inquietações.

**Pedro:** A Marina Reidel é formada em Artes e foi orientanda do Fernando Seffner, na Educação [PPG em Educação da UFRGS]. E, se não me engano, a primeira transexual mestre no país.

**Isadora:** Fez um mestrado sobre as professoras transexuais.

**Pedro:** Trabalha na Secretaria de Direitos Humanos do estado.

**Isadora:** Fazia parte da primeira mesa de discussão.

**Pedro:** Ah, nós tivemos duas colegas, que eram a Luísa Flores e a Juliana Mezomo, que são [alunas] do pós das Ciências Sociais, mas que vieram representando o Instituto Outras Margens, que é um coletivo formado justamente para pensar a pesquisa junto com a atuação social, ou pesquisa social e atuação política e a interface entre os dois. Essa é uma questão que está surgindo, porque muitos colegas trabalham com temas que ou são diretamente relevantes para a vida, e para a vida política, ou com os quais se coloca em uma relação de trazer justamente esse aspecto da militância. De não separar o que seria o tema de pesquisa da atuação concreta.

**Isadora:** E acho que uma das coisas que surgiram ali, por um lado, foi a dificuldade da academia aceitar padrões diferentes de comportamento, de sexualidade etc., mas por outro lado o quanto essa diversidade pode contribuir com a pesquisa acadêmica. O quanto essa diversidade pode trazer um outro olhar um pouco menos viciado para dentro da academia e contribuir, a partir desse sujeitos que olham a própria história, para ampliar um pouco esse campo da história, que parece um pouco ainda restrito.

**Mara Rodrigues:** Mas sabe que as experiências mais radicais que eu tive como professora foi ter, em uma aula de teoria e metodologia da história, um indígena. E ele ficou quieto o semestre inteiro, imagina se ele tivesse falado... Simplesmente ele estar ali e eu ter que pensar todas as aulas: que teoria da história é essa? Que sentido faz essa história para um indígena? Daí a gente vê como essa pretensão de universalidade do conhecimento teórico é complicada... Pensando justamente essa presença da diversidade na universidade, o quanto ela pode afetar as pesquisas.

**Pedro:** O que é interessante, acho que todas as falas marcaram muito é que não é que, por exemplo, a história esteja agregando novos objetos, é que está agregando novos pesquisadores, novos sujeitos que estão fazendo pesquisa. Então com isso vem um jeito diferente de fazer pesquisa. Então se colocar a pesquisa militante parece, não sei se seria o termo correto, porque militante pode “ter um peso” (acho que seria legal pensar nisso), mas é uma pesquisa que é feita de um jeito diferente, que se coloca de um jeito diferente, de conhecimento, epistemologicamente, e depois na atuação também que vai ter o produto final.

**Mara Rodrigues:** A relação entre quem pesquisa e o que é pesquisado é diferente.

**Pedro:** Isso. Ou a comunidade de origem, que está ali também, e que é uma referência para a pesquisa. Tudo isso é diferente e, com isso, vem novos conceitos, novas formas de escrever, novas narrativas. Então é interessante, é um ganho de conhecimento, além de ser uma expansão social. E é por isso que vem os pontos de atrito também. Porque é claro que vem algo que acaba desestabilizando o que já está ali. Tu recebe uma carga de coisas muito grande e coisas novas, então estes trabalhos são trabalhos que acabam se destacando mesmo por causa disso.

**Isadora:** A segunda mesa foi com o Rodrigo Weimer e o Gabriel Dienstmann, que é aluno atualmente do mestrado, e que trouxeram um pouco essas experiências que, no fim das contas, não eram “depois do pós”, mas a ideia era um pensar que alternativas existiam para a atuação, que era uma angústia que aparece frequentemente “ah, o que é que eu vou fazer”? “Bom, eu tenho mestrado, eu tenho um doutorado...”

**Pedro:** “E agora? o que que eu faço com isso?”

**Isadora:** Então, de uma maneira prática, em um momento em que a gente vê uma crise efetiva, essas falas foram no sentido de pensar uma atuação mais concreta para o mercado de trabalho, digamos assim.

**Pedro:** Eu só ia brincar que, para essa segunda mesa, uma das ideias que a gente tinha pensado, era: “vamos chamar gente que conseguiu ganhar dinheiro com história”. [Risos]

**Isadora:** E que no fim das contas, por coincidência, as duas pessoas que nós chamamos ganharam dinheiro antes de fazer a pós-graduação. O Gabriel falou um pouco sobre esses editais públicos, que ele já ganhou alguns, e deu algumas dicas sobre como ganhar editais. E o Rodrigo falou um pouco das suas demarcações do Quilombo e tal.

**Pedro:** Desculpa interromper, mas uma coisa que eu achei interessante, e aí eu acho que vai um pouco para o tema da primeira mesa também, e que pelo menos me chamou atenção é, por exemplo, nesta segunda mesa, tanto o Gabriel quanto Rodrigo depois sentiram necessidade de voltar para a universidade fazer mestrado. O Rodrigo fez o doutorado. E na primeira mesa também uma coisa foi destacada qual que é o peso, por exemplo, de ter um indígena formado pela UFRGS, um indígena mestre na UFRGS. Até eu não me lembro bem, foi a [Maria] Bergamaschi que comentou de um orientando dela que é professor em uma escola indígena e agora vai, por exemplo, na SEC [Secretaria de Educação e Cultura do Estado do RS] e quando tentam dispensar ele, ele diz: “Mas eu sou mestre pela UFRGS”. Aí dizem “Ah, mestre pela UFRGS”. Então são coisas pequenas que têm um peso, a universidade ainda importa muito. É isso que, pelo menos para mim, chamou atenção na primeira mesa. E, pensando a segunda [mesa] também, que a universidade faz sentido talvez por outros sentidos diferentes do que a gente pensa normalmente. A universidade faz muito sentido para muitas pessoas, ela é muito importante. Senão esses grupos não estariam querendo entrar na universidade. A universidade é importante.

**Isadora:** Bem, a terceira mesa então foi sobre as mulheres na pós-graduação, nós convidamos a professora Márcia Barbosa, que é diretora do Instituto de Física e a Daniela Garcez, que falaram

um pouco sobre estatísticas da atuação das mulheres na pós-graduação. Como, ainda que a gente tenha o rendimento escolar mais alto do que os homens, seguimos sendo menos pesquisadoras B1 – “Banana de Pijamas 1”, “Banana de Pijamas 2” [risos], A1, A2, vai afunilando e, como a professora Márcia salientou, que nas áreas das exatas isso é gritante, e que temos isso também nas humanas. E discutimos um pouco como outras atribuições continuam recaindo sobre as mulheres que fazem pós-graduação, as exigências ainda domésticas e familiares recaem sobre as mulheres, ainda que estejamos sob a mesma cobrança acadêmica. Isso nunca é visto... Não é reconhecido e nunca entendido como uma atribuição maior sobre as mulheres. Nunca é nem considerado. “Bom, desde quantos anos tu faz tarefas domésticas? Vamos que admitir no pós ou não?”. [Risos.] Tratamos também...

**Pedro:** ...da estrutura da universidade, como não está apta, não é própria para receber...

**Isadora:** ...mães, especialmente.

**Pedro:** É, principalmente mães, e que força essa separação [dos filhos] até o caso de ter que suprimir a vida privada. A questão de ter que decidir entre família ou carreira, por exemplo, porque é que os dois não podem ser compatíveis?

**Isadora:** Como isso mesmo é muito forte nas “exatas”, mas como isso está muito mascarado nas “humanas”.

**Pedro:** Exatamente.

**Isadora:** E nunca é efetivamente um tema central, como isso é sempre periférico. Outra coisa que eu acho que também apareceu: como isso é sempre tratado como uma queixa e nunca como um efetivo problema. Como “um lamento” de gente muito dramática, mulheres muito dramáticas que se sentem muito sobrecarregadas. Mas isso não reverte em medidas efetivas para se contornar essa situação. Como nós seguimos, mesmo no curso de História, reproduzindo isso na contratação de professores... Nos cargos de direção etc., nós seguimos também um pouco nessa lógica. Acho que foi isso da mesa sobre as mulheres. E por último...

**Pedro:** ...a mesa de saúde mental no pós-graduação, em que nós convidamos duas psicólogas. A Flávia [Wagner] do NAE [Núcleo de Assuntos Estudantis]...

**Isadora:** ...e a Cristina Aguiar.

**Pedro:** ...que atua independente como psicóloga. E foi interessante. Foi meio que uma roda de...

**Isadora:** ...uma catarse sobre todos os problemas que vêm...

**Pedro:** ...no pós-graduação. Mas que tem a ver um pouco com a pressão e também com a questão “O que é eu vou fazer depois? Para o que é que está servindo fazer um pós-graduação?” Se nenhum ganho material, no mínimo..., quer dizer, está me qualificando, mas é difícil ver uma recompensa depois do pós.

**Isadora:** Acho que um dos pontos que surgiu foi uma falta de reconhecimento social da profissão. Então, que tu tens um doutorado em história, mas o que é que significa socialmente? Pouco retorno financeiro, a dificuldade do próprio curso com relação talvez a outros pós-graduação em áreas menos acadêmicas, digamos, em engenharias, ou coisas assim, que eu acho que também foi levantado. O próprio sofrimento que a história gera; estudar história como um sofrimento a mais. Não é uma coisa positiva entender a história; dá uma depressão... [risos] Compreender os processos históricos também é um peso a mais, que eu acho que também foi levantado [no evento].

**Pedro:** A dinâmica do pós principalmente o fato de, por exemplo, no mestrado, tu tem o segundo ano que é praticamente solitário. O doutorado, mais ainda, então tem que fazer a própria rotina que é algo muito difícil.

**Isadora:** Viver de pijama. Anos e anos de pijama... [risos]

**Pedro:** É, que aí é algo que também te tira um pouco do ritmo do mercado de trabalho, que também acaba sendo uma inquietação. Depois é claro, quando termina o pós é uma quebra muito grande, eu acho, com a vida que tu levava até então, e o que vai surgir na frente.

**Mara Rodrigues:** Bom, eu tenho uma pergunta aqui que talvez vocês já tenham respondido em partes, mas sintetizando, chegou a se estabelecer alguma agenda de ações futuras? Quer dizer, está terminando a gestão de vocês e há esperança de que essa mobilização toda que vocês fizeram tenha sequência?

**Pedro:** Tem sim. Na verdade tem uma agenda já preparada, mas, claro, tem que executar ela. O que ainda estaria previsto pela



Ação de Extensão, que foi cadastrada pelo Benito, o Igor [Teixeira, coordenador substituto do PPGH] e nós dois [Pedro e Isadora]. Então, a Isadora, mesmo saindo, ainda continua ligada à ação de extensão. Mas claro, vamos adicionando, os colegas vão participando. Ainda tem que formalizar tudo, mas será provavelmente em setembro, dois dias, uma oficina de divulgação científica, com os criadores do blog *Os cientistas dizem que...*, de Florianópolis. Foi um contato do Igor, e foi bem legal, porque foram bem bacanas com a Isadora, que fez o contato. Depois talvez em outubro aconteça o fórum externo com três, quatro dias. Após isso, e é o que está mais “no ar”, é um evento que queremos pensar com o ProfHistória pois trata principalmente que sobre o ensino, pesquisa e ensino de história, que é algo ainda um em aberto.

**Isadora:** Eu tentei articular um pouco com o PROF [com os representantes discentes do ProfHistória].

**Isadora:** É. Esse é outro passo que seria interessante de dar pensando no futuro, que é muito distante. É outro programa e não temos aulas juntos. Talvez possamos pensar alguns eventos, nem que fosse uma palestra, ou coisa assim.

**Pedro:** Sobre a agenda futura, é importante também contar justamente com os colegas da turma nova [do PPGH], porque a Isadora teve que sair um pouquinho antes [do final do mandato] porque defendeu – o que é bom [risos]. Mas eu peguei do segundo para o terceiro ano, não é o normal. Normalmente é bom que sejam pessoas que estão fazendo a cadeiras [primeiro ano do doutorado e do mestrado] que aí também não estão na fase da pesquisa com mais afinco, tem mais tempo de disposição para as atividades de representação, porque, por exemplo, este ano em alguns momentos eu consegui fazer muita coisa, em outros não consegui fazer nada para a representação discente. Foi bom que os momentos em que eu não consegui fazer nada não coincidiram com os momentos em que Isadora não conseguiu fazer nada, porque vai mudando muito conforme o semestre.

**Mara:** Encaminhando para o final, mais uma pergunta. O que vocês gostariam de dizer neste momento, em nome dos alunos – acho que vocês não vão querer falar os nomes de todos os alunos... Mas a partir dessa experiência que vocês tiveram na

representação discente, estando agora com gravador na frente de vocês, como Isadora e como Pedro, o que vocês gostariam de dizer neste momento em que estamos comemorando 30 anos do nosso pós-graduação? Como vocês se veem nestes 30 anos?

**Pedro:** Não sei. Me ver nos 30 anos é uma pergunta difícil. Agora me veio a lembrança de que já faz 10 anos que eu estou na UFRGS.

**Isadora:** Eu me vejo em uma trajetória de mudança. Sempre sonhei em fazer pós-graduação, mas pela trajetória da minha família e pela minha trajetória de vida, de sempre trabalhar desde a adolescência, me parecia um sonho um pouco impossível. E me vejo então como realizando algo que talvez para gerações anteriores não fosse possível. Por ser mulher, acho que também é uma realização importante. Seguir uma carreira acadêmica também é uma conquista. Também pelo que estudo, que são os indígenas, é interessante pensar como um espaço está sendo criado academicamente para se estudar. É um campo ainda pouco consolidado, mas acho que é isso. O meu desejo é que a universidade se torne mais plural e menos elitista. Esse é o meu desejo de futuro para a universidade. Porque se tornar menos elitista não quer dizer perder qualidade.

**Pedro:** Com certeza. Acho que é um ganho. Eu ia comentar exatamente isso que Isadora comentou. Pensando em trajetória de família também acho que fazer o pós e poder ter uma bolsa que dê para sustentar o pós é um privilégio. Um privilégio e algo que deveria ser reconhecido como tal por quem tem uma bolsa. Não é algo para ser tratado como se não tivesse importância, de forma leviana. É algo muito importante. Por um lado, tem que fazer por merecer esse privilégio, não no sentido de se curvar a todas as exigências de produtivismo, pelo contrário, mas no de usar a oportunidade de ter uma bolsa, de poder estudar, como uma forma de pensar, e pensar a realidade de fazer com que nessa trajetória da família se consiga algo que gerações anteriores não tiveram chance. Dar importância para essa a vida de estudos, porque ela é muito importante. Não tratar como se fosse algo dado, porque para algumas pessoas é, acho que para as pessoas que entraram na universidade até agora é algo dado. Que tu possas entrar na universidade, foi tomado como algo dado, por exemplo, se tu és de um certo status social. Depois fazer um pós, virar um professor. Mas para pessoas como a Isadora e

eu isso é uma conquista muito grande. E aí acho que é importante estender esse privilégio para outras pessoas, de poder estudar e viver de estudar. Eu entrei em 2005 na UFRGS e é muito legal ver toda a transformação que vem acontecendo na universidade.

**Isadora:** Eu entrei no ano das cotas, 2008.

**Pedro:** É. Eu me formei em 2009. Mas, mesmo assim, é muito legal ver que a universidade está muito mais próxima ou a pós-graduação, pelo menos. Até se pode pensar o que estamos fazendo na representação discente, e deixar um pouco mais próximo do ambiente que a gente quer que ele seja, mais plural, menos elitista, e não um espaço que não reflete essa necessidade, esse espaço que a gente quer que seja. Que seja mais aberto. É algo que também eu penso, justamente, que não precisa ser uma conquista para quem vem depois, mas que seja algo normal. Eu ouvi dos alunos cotistas da Letras, que tinham montando semestre passado um microfone que se deixava aberto para falar. Era bem legal. Um aluno comentou que os cotistas negros nesse momento precisavam ser mais do que estudantes para que os que viessem depois deles pudessem ser só estudantes. Então é justamente isso; estamos nesse momento de transição. Muita gente que está entrando no pós está com essa mesma consciência. É muito legal porque são pessoas para quem, de novo, o pós importa muito, estar no pós é um privilégio... O privilégio parece algo ruim, mas, quando vem para pessoas que nunca tiveram, é algo muito bom. A primeira vez que as pessoas puderam não ter que estar vendendo força de trabalho para poder viver, mas...

**Isadora:** Depois volta tudo igual. Bater ponto... [risos].

**Pedro:** Mas que nesse momento, pelo fato de vir de outro lugar, podem justamente ter uma perspectiva muito mais crítica e significativa.

**Mara:** Mais alguma coisa que vocês gostariam de dizer?

**Isadora:** Não. Agradecer a oportunidade, acho muito legal.

**Mara:** Eu é que agradeço a disponibilidade e a atuação de vocês, pois acho que o pós-graduação ganha muito com o que vocês estão promovendo.